

Literatura Mercado

Paulo Rocco conta como lançou best-sellers e fala dos planos para autores nacionais

ENTREVISTA

PAULO ROCCO
PUBLISHER

Ubiratan Brasil
Maria Fernanda Rodrigues

De passagem por São Paulo na terça-feira para um encontro com livreiros, o carioca Paulo Rocco, de 68 anos, recebeu a equipe do *Caderno 2* para uma longa conversa sobre o passado, o presente e o futuro do mercado editorial e de sua editora, a quase quarentona Rocco, que tem, em seu catálogo de best-sellers e literatos, 2.500 títulos, e acaba de contratar nomes como Miguel Conde, ex-Flip, para o editorial, e Corina Campos, ex-Leya, para o comercial. Ele aproveitou para contar histórias de bastidores. Confira os principais trechos da entrevista.

● Como entrou no mercado?

Foi no final de 1967, aos 22 anos, na Sabiá, com Fernando Sabino e Rubem Braga. Fui gerente até 1972, quando a editora foi vendida para a José Olympio, e fui junto. Saí para abrir a Rocco, que nasceu em janeiro de 1975. Ainda prestei serviços para a editora Francisco Alves e montei a área comercial da Codecri, do *Pasquim*.

● E como o senhor chegou a Fernando Sabino e Rubem Braga?

Eu era estudante de Economia e já estava encaminhado, mas soube que eles estavam abrindo uma editora e procurando um gerente. Não tinha experiência na área editorial, nem de trabalho. Disse que tinha lido todos os livros deles e o Rubem me disse: 'Mas, Paulo, leitores nós já temos. Precisamos de um gerente'. Eu me ofereci para trabalhar de graça por três meses. Deu certo e fui contratado. Eu cuidava de tudo, menos do editorial. Mas um dia perguntei se eles não me deixariam editar um livro e fiz *Os Colegas*, de Lygia Bojunga, meu primeiro livro.

● Como foi o início da Rocco?

Eu tinha 28 anos e dois autores, que eram meus amigos. Começamos com *Teje Presso*, do Chico Anyssio, e *Casos de Amor*, de Marisa Raja Gabaglia. A editora só começou a ter presença no mercado em 1984. Comecei a investir em autores estrangeiros. Vieram *A Fogueira das Vaidades*, de Tom Wolfe, *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking, entre outros.

● **Comprou Tom Wolfe em leilão?** Sim, e foi o mais concorrido e dissimulado que vi. Eu não tinha muita experiência, mas vou confessar que fiz duas ofer-

tas enquanto todo mundo fez uma. Ofereci um valor menor à vista e um maior em dois pagamentos. Ganhei com a segunda proposta. Hoje somos amigos.

● **Não ter dado atenção a Harry Potter é citado por vários editores como um grande arrependimento. Como descobriu a série?** A história começa antes, com o livro *O Filho de Lázaro*, apresentado como o livro do ano da Feira de Frankfurt. Ele estava caríssimo. Na volta ao Brasil, vi que nenhum editor brasileiro tinha comprado e fiz uma oferta baixa. Aceitaram. O livro foi um fracasso mundial. Mas com isso conheci o agente literário Christopher Little. No ano seguinte, perguntei se ele tinha alguma coisa juvenil. Ele falou sobre *Harry Potter*, que 'até que estava indo bem na Inglaterra'. Pedi para avaliarem e me disseram que era bom. E me bateu um instinto e resolvi telefonar para o agente e começamos a negociar. Achei caro, mas chega-

mos a um acordo quando acetei comprar o segundo também.

● Estava preparado para o volume?

Não. Fiz o terceiro livro em três gráficas. A logística foi incrível. A primeira tiragem do 7.º volume foi de 650 mil exemplares. Ao todo, já vendemos mais de 4 milhões de exemplares.

● É o best-seller da editora?

Sem dúvida. Mas devemos fazer menção a Paulo Coelho.

● O senhor acredita em sorte?

Acredito que 50% é técnica e 50% é intuição. Você não pode seguir só um ou outro. Tem sido assim na minha vida. Em muitos casos segui a intuição, mas tenho uma bagagem.

● **O Chamado do Cuco foi comprado antes que todos soubessem que a autora era J. K. Rowling, que usou um pseudônimo. Nesse caso foi mais sorte?** Os dois. O livro chegou, foi avaliado. Tínhamos um bom relacionamento com o agente e decidi oferecer um adiantamento um pouco maior do que o nor-

mal. Era de um autor estreante, bem escrito. Ele ter sido escrito por J. K. Rowling é que foi sorte.

● A tiragem vai ser alta?

Não. Vou fazer 100 mil exemplares e uma edição de 25 mil em capa dura – atendendo a pedidos da rede social.

● Algum arrependimento?

Comprei *O Encantador de Cavalos*, que tinha feito sucesso nos EUA. Aprendi que não podemos só esperar as coisas acontecerem. Não fiz nada pelo livro, e não vendeu. Não existe sucesso pré-fabricado. Por isso vamos fazer uma megacampa-

“

Se eu quisesse ter criado uma editora de best-sellers, eu teria feito. É a coisa mais fácil do mundo. Não me preocupo com o dinheiro. Eu me preocupo com o bom nome da editora”

Paulo Rocco
PUBLISHER

Rocco. “Com ‘Harry Potter’, acabou o mito de que jovem não lê. Ele lê, e muito”

● **Fazer um livro hoje é diferente do que era em 1967?** A comunicação mudou. Você tem que trabalhar outros canais, outros meios.

● **O senhor quase foi engenheiro e economista. Com a editora, se realizou?** Sim. Descobri que a minha vocação é a comunicação.

● **E como ela se reflete na editora?** Eu me meto em tudo. Pode parecer que sou centralizador, mas sou só de informação.

● **Prepara alguém para sucedê-lo?** Meu filho João Paulo, de 28 anos, que trabalha comigo há três anos e tem trazido grandes contribuições. Sou mais sensível às mídias sociais por causa dele.

● **A Rocco perdeu alguns autores ao longo dos anos, mas consegue manter Clarice Lispector.**



NA WEB
Entrevista. Confira a conversa na íntegra em estadao.com.br/e/paulorocco

Em 2012 houve rumores de que a Companhia das Letras teria comprado os direitos dessa obra, o que foi negado na época.

Ela tentou de todas as formas. O assédio foi violento. Mas a Companhia das Letras não foi a única. Quem não quer Clarice? Renovei o contrato por mais oito anos. Ela é a escritora brasileira que mais vende, e isso só cresce. E o contrato é vultoso. Garanto que é o maior do Brasil. Em novembro, lançamos *Palavras*, com uma seleção de frases e trechos feita por Roberto Santos a partir da obra dela.

● A Rocco tem investido numa nova geração de autores brasileiros.

Há editoras que foram feitas para editar livros e editoras feitas para ganhar dinheiro. A primeira tem uma responsabilidade social: se não der chance para os jovens, ela está fechando o funil do mercado. Não vai criar novos autores e nem novos mercados. Se quisesse ter criado uma editora só de best-sellers teria feito. É a coisa mais fácil do mundo. Não me preocupo com o dinheiro, mas com o bom nome da editora e estou deixando o legado de uma editora que lançou bons títulos no mercado e deu chance a todos para uma renovação.

● Como está a concorrência?

Grande. O mercado brasileiro não é grande, mas temos muitos bons editores.

● Como vê o mercado editorial?

Estrangulado. A quantidade de títulos aumentou, mas a quantidade de livrarias não. Uma surpresa são os jovens. Com *Harry Potter* acabou o mito de que jovem não lê. Ele lê, e lê muito. Lógico que ainda não lê na quantidade suficiente porque há deficiências no Brasil.

● **O que define um bom editor?** Saber selecionar bons livros. O resto é consequência.

● **Qual era sua ideia para a Rocco?** Mantê-la entre as cinco principais do Brasil.

● Como vê o livro digital?

Aqui, crescendo, mas ainda longe de um patamar de 10%. A Rocco já tem 350 e-books. Nosso problema é que o leitor digital é muito caro.

● E o futuro?

Continuar fazendo o que fazemos, sempre melhor. Pensar à frente. Estamos dando oportunidade para escritores brasileiros. Um dia, o autor brasileiro será mais lido do que é hoje. Se as coisas mudam, a gente muda também.

● **Conhece muitas histórias de bastidores. Não pensa em escrever um livro?**

Todo mundo me pede, mas brinco que sou como um índio. Eu conto. Quem ouviu ouviu.

Babel | Maria Fernanda Rodrigues MARIAF.RODRIGUES@ESTADAO.COM

blogs.estadao.com.br/babel

REVISTA
Mais espaço para discussão e publicação de crônicas

Criada no ano passado por um apaixonado pela crônica, Henrique Fendrich, a revista eletrônica Rubem (rubem.wordpress.com), que ganhou esse nome para homenagear Rubem Braga (foto), está ampliando seu time de colaboradores. Quem estreia hoje é a poeta Mariana Iannelli, que já escreveu crônicas para outra publicação online, a *Vida Breve*. Ela escreverá quinzenalmente, como os demais autores – Domingos Pellegrino (segunda), Cyro de Mattos (terça), Elyandra Silva (quinta) e Madô Martins (sexta) já estrearam. Em breve chegam: Ana Laura Nahas (terça), Maicon



Tenfen (quarta) e Daniel Zanella (domingo). Mas ainda há vagas. Jornalista da área ambiental, Fendrich diz que outra razão para criar a publicação foi poder oferecer um tipo de conteúdo que ele mesmo procurava e não encontrava. Ele edita a revista de Brasília, onde vive.

DIGITAL
Vai recomeçar

Depois da estreia da loja de e-book, editores voltam a ser procurados pela Amazon. O objetivo, agora, é fechar contrato para a distribuição de livros físicos, operação que a gigante americana iniciará em janeiro.

BIBLIOTECA
Brasil a fora

O Instituto Ecofuturo inaugura, até o fim do ano, cinco bibliotecas comunitárias Ler É Preciso nas seguintes cidades: Agudos (21/10), Verissimo (24/10), Lençóis Paulistas (30/10), Itatinga (7/11) e São Leopoldo (30/11).

O Ecofuturo é um dos responsáveis pela campanha Eu Quero Minha Biblioteca.

SOCIOLOGIA
As lutas na Rússia

Entre os textos que integram *Lutas de Classes na Rússia*, volume com textos de Marx e Engels organizado pelo sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy que a Boitempo lança em meados de outubro, está um assinado por David Riazanov, pseudônimo do historiador ucraniano David Borisovitch Goldendach, sobre a troca de cartas entre Marx e a revolucionária russa Vera Zasulich (foto). Os esboços e a correspondência final também estarão na obra.

NEGÓCIOS
Segredos revelados

A Saraiva publica, no início de 2014, livro de Duff McDonald sobre a consultoria McKinsey, uma das pioneiras no ramo e que emprega quase 8 mil pessoas em 85 países. Um dos segredos de seu sucesso é a discrição. Pouco se sabe sobre seus métodos, mas boa parte das maiores empresas relacionadas pela *Fortune* estão em seu portfólio.

SUSPENSE
Ilha do medo

O sueco John Ajvide Lindqvist, de *Deixa Ela Entrar*, lança, em outubro, pela Tordesilhas, *A Maldição de Domaro* – sobre um homem que volta à ilha onde a filha desapareceu dois anos antes. E aí começa o terror.

TERROR
Para o dia de finados

Zé do Caixão, que vai assinar o prefácio de *Senhores de Salem – O Julgamento das Bruxas*, de Robie Zombie e B. K. Evenson, passou pela Darkside e posou para foto com o neto Pedro (frente) e com os donos da editora Cristiano Menezes e Chico de Assis.

